EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL NOTURNO UMA PROPOSTA DIFERENCIADA: OLHARES DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE

Jessié Martins Gutierres UFSM (autor)
Ângela Kemel Zanella UFSM(co-autor)
Haydê Maria da Silveira França de Vargas ULBRA(co-autor)

A educação física escolar tem sido bastante discutida dentro das universidades, principalmente com os profissionais que estão ligados a esta área, através de publicações e artigos que possibilitam-nos observar o quanto esta temática vem sendo tratada em discussões acadêmicas e debate de idéias. A Educação é um processo que atua na formação do homem, que está presente em todas as sociedades humanas e é inerente ao homem como ser social e histórico. Sua existência está fundamentada na necessidade de formar as gerações mais novas, transmitindo-lhes seus conhecimentos, valores e crenças dando-lhes possibilidades para novas realizações. A educação física brasileira, especialmente dos últimos dez anos, encaminha-se para um desenvolvimento cada vez mais diferenciado em relação a sua prática. De um lado persiste um modelo tradicional que pretende preservar os objetivos básicos da disciplina conforme previstos nas próprias legislações oficiais, os quais configuram, basicamente, no desenvolvimento das modalidades esportivas. Por outro lado, ocorre cada vez mais intensamente o desenvolvimento de projetos para uma educação física escolar comprometida com finalidades mais amplas; ou seja, além da sua especificidade, deve ainda se inserir nas propostas político-educacionais de tendência critica da educação brasileira. Desta forma o presente artigo trata do ensino da educação física no ensino fundamental noturno, de uma escola da região norte do município de Santa Maria, RS, desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental, do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. O mesmo visou desenvolver através de uma abordagem diferenciada, com a ausência dos esportes coletivos, uma proposta a partir da formação docente promovida pela instituição. Sendo assim, segundo orientação

pedagógica determinar, com o auxílio dos alunos, quais atividades desejavam aprender. Foram utilizados jogos, brincadeiras, dinâmicas em grupo e leitura de textos, construindo assim um cronograma para o semestre, sobre três eixos: cultura, cidadania e lazer. A partir destas experiências, o aluno em formação docente passa a compreender melhor seu papel na sociedade e na escola e compreende melhor as interlocuções do eixo universidade-escola. A possibilidade de desenvolver um estágio no ensino fundamental noturno torna-se um espaço, onde o professor pode transformar os conteúdos da educação física, adaptando-os a realidade do aluno, que em sua maioria são adultos e possuem necessidades distintas e vivenciar experiências jamais antes vividas. Relações que vão deste o professor-aluno, professor-escola, escola-aluno interferem de forma significativa em todo o processo formativo de um professor. Por isso, acreditamos que tais possibilidades ampliam a ação pedagógica e contribui para a interação dos olhares que compõem a formação docente.

Palavras Chave: Educação Física, Formação Docente, Ensino Fundamental Noturno, Aulas Diferenciadas.

***Acadêmico de Educação Física**
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
E-mail: jessiegutierres@hotmail.com

1.INTRODUÇÃO

A educação física escolar tem sido bastante discutida dentro das universidades, principalmente com os profissionais que estão ligados a esta área dentro da educação física, através de muitas publicações e artigos podemos observar o quanto esta temática vem sendo tratada em discussões acadêmicas e debate de idéias.

As primeiras classes noturnas datam do Império e eram freqüentadas por aqueles cuja idade e necessidade de trabalhar não permitiam que se inserissem nas classes diurnas. Carvalho (1994) relata, a partir de registros, que estas classes funcionavam em locais improvisados e os professores recebiam uma pequena quantia para encarregarem-se das aulas. Carvalho acrescenta que não tardou muito para se perceber que os resultados das classes noturnas não estavam atendendo ao esperado e que a freqüência dos alunos no decorrer do ano letivo diminuía em relação ao número de matriculados no início do ano. Porém, os cursos noturnos continuaram a ser criados, e a maioria dos estudantes brasileiros só se escolarizavam devido à existência desses cursos nos diferentes graus de ensino.

O ensino noturno nunca chegou a despertar grandes interesses em nossos governantes. Essa afirmação é baseada nas leituras da legislação nacional para o ensino realizadas por Carvalho (1994, p. 40), que afirma: "a partir dos dados referentes ao início do funcionamento dos cursos noturnos e do estudo da legislação escolar – onde se reconhece a existência desses cursos e sua destinação – nota-se que nada foi realmente pensado para adaptá-la às condições específicas dessa clientela, nem para aproveitar a experiência vivida desses alunos."

Observamos assim que o turno da noite, a exemplo dos tempos que datam a sua origem continua sendo alvo de desprestígio e desatenção por parte dos que com ele interagem, apesar de ser uma necessidade concreta daqueles que possuem somente esta opção de escolarização.

No Brasil segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), artigo 26, 3º, a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; que seja maior de trinta anos de idade; que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática

da Educação Física; que seja amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969[1] e que tenha prole.

É possível perceber que na história recente da Educação Física brasileira nós perdemos sensivelmente a importância. Uma outra questão que fica clara na análise desta Lei é a capacidade dos legisladores transferirem responsabilidades, pois antes, o fato da disciplina ser facultativa ou não era decisão da própria escola, agora, fica a cargo do aluno optar se quer ou não estudar a disciplina. Baseado no parecer do CNE/CEB 5/97 que diz: "cabe à escola decidir se deseja oferecer Educação Física em cursos que funcionem o horário noturno, sendo facultado ao aluno optar por não freqüentar tais atividades", e enfatiza que "somente serão computados nas oitocentas horas de que fala a lei, os componentes a que o aluno esteja obrigado, nelas não se incluindo, por exemplo, a Educação Física nos cursos noturnos e o ensino religioso". Estas oitocentas horas de que fala a Lei, diz respeito ao total de horas que os alunos devem cumprir para que concluam o ano letivo.

Analisando este artigo de uma forma crítica e vendo a quase inexistência da Educação Física escolar no ensino noturno e também a pouca exploração deste tema em pesquisas, senti a necessidade de compreender melhor este universo, as práticas pedagógicas que podem servir de subsídios para discutir e desenvolver um saber critico sobre a Educação Física no ensino fundamental noturno.

Tentando desvelar o significado da Educação Física no ensino noturno, o objetivo deste trabalho foi demonstrar uma prática pedagógica diferenciada e que possa ser utilizada para as aulas de educação física no ensino fundamental noturno.

2. PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA

A concepção predominante de currículo dos cursos de graduação ainda equivale a uma listagem de disciplinas que se configura através da grade curricular. Dessa forma, questões como a fragmentação do saber e o distanciamento da realidade social, são de extrema relevância quando tratamos da formação de professores. As licenciaturas, de um modo geral, vêm atravessando uma crise profunda. A perda de importância da formação pedagógica em detrimento de uma formação mais técnica, juntamente à crescente desvalorização do magistério transformaram as licenciaturas em cursos menos importantes na hierarquia da universidade e no contexto social como um todo. Este fenômeno, ainda que possa ter características próprias e uma dimensão maior no Brasil, não é restrito somente à nossa realidade.

Para Esteve (1995), ainda que os futuros professores estejam bem preparados no que se refere aos conteúdos com os quais trabalharão nas escolas, falta-lhes a compreensão sobre a importância do seu papel na organização do trabalho pedagógico e da própria dinâmica da aula em si. Esse período de formação inicial deveria propiciar-lhes a capacidade de identificar e superar problemas na organização do trabalho pedagógico e de tornar acessíveis, a todos os alunos, os conteúdos de ensino.

Da mesma forma que a formação inicial em Educação Física, vem passando por um processo de discussões e algumas mudanças, principalmente a partir dos anos 70 e início dos anos 80. Reflexo das próprias discussões que passaram a ganhar espaço no cenário da Educação Física brasileira, as mudanças curriculares nos cursos superiores de Educação Física passaram a se corporificar a partir da Resolução N. 03/87. Essas mudanças, ainda que apoiadas em um poderoso discurso, pouco trouxeram de alterações significativas ao que já estava posto. Persiste a ausência de articulação mais significativa entre os conhecimentos específicos e os conteúdos relacionados à metodologia e práticas pedagógicas, o que resulta em um acúmulo de conhecimentos

fragmentados que pouco contribuem para uma prática pedagógica reflexiva e crítica dos futuros professores dentro do ambiente escolar.

O que tem pautado a formação acadêmica em Educação Física é um saber predominantemente instrumental de caráter funcional, que privilegia a competência técnica do docente, restringindo a prática pedagógica à seleção e aplicação de procedimentos instrumentais que possibilitem a máxima eficácia nos resultados. Isso contribui para que o futuro professor venha a agir sem uma preocupação maior com o caráter pedagógico de sua prática. Uma vez que não lhe foi proporcionado o exercício de análise e reflexão dos conhecimentos adquiridos na graduação, o resultado é a ausência de reflexão que se estende no exercício da profissão (Kunz, 1995).

Segundo Kunz (2001) pode-se perceber que a educação física brasileira, especialmente dos últimos dez anos, encaminha-se para um desenvolvimento cada vez mais diferenciado em relação a sua prática. De um lado persiste um modelo tradicional que pretende preservar os objetivos básicos da disciplina conforme previstos nas próprias legislações oficiais, os quais configuram, basicamente, no desenvolvimento das modalidades esportivas e por intermédio deste a consecução de metas sócio-educacionais como o fomento a saúde e a formação da personalidade. Por outro lado, ocorre cada vez mais intensamente o desenvolvimento de projetos para uma educação física escolar comprometida com finalidades mais amplas; ou seja, além da sua especificidade, deve ainda se inserir nas propostas político-educacionais de tendência critica da educação brasileira.

A Educação Física brasileira encontra-se neste processo de evolução, de transformação, no sentido de rever qual é o seu papel e que rumos deve seguir frente a esta sociedade globalizada e em constantes mudanças.

A necessidade de transformações coletivas não pode ser o único pré-requisito para a prática pedagógica diferenciada e inovadora. A busca constante de uma prática que possibilite a construção do conhecimento, e

não a sua simples transmissão, requer atitudes inovadoras e iniciativas de cada professor para que esteja num processo continuo de aprendizagem. (Costa *et al*, 2006)

Para Graça (1999), a forma como o professor pensa e desenvolve as suas aulas, esta relacionada com suas concepções acerca do conteúdo de ensino, dos alunos e dos seus próprios conhecimentos. Um olhar diferenciado aos professores poderia contribuir para o entendimento da sua prática pedagógica e das concepções de ensino que estão muitas vezes implícitas na sua forma de trabalho. As transformações que o professor realiza no conteúdo, a forma como ele evidencia a importância de ensiná-lo e os conhecimentos que propiciarão as atividades dentro de um contexto desejado são características do conhecimento pedagógico do conteúdo. O aluno compreenda aquilo que o professor se propõe a ensinar.

A análise da prática pedagógica dos professores, suas dificuldades e interesses e das diferentes possibilidades de ensino pode contribuir para que, a partir de um retrato da realidade escolar, os professores possam compreender a prática pedagógica dos seus pares, e ainda, os professores da formação inicial possam buscar propostas de formação mais apropriadas à realidade educacional. (Costa *et al*, 2006)

3. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

O aprender a ensinar a Educação Física na escola é uma tarefa importante para uma formação completa de um profissional, principalmente quando se fala em ensino noturno, uma batalha dura se trava diante do aluno acadêmico inexperiente e o professor da escola, que muitas vezes esta acostumado a suas aulas cotidianas e rotineiras. Porém formas de ensino diferenciadas, são pertinentes a uma realidade já institucionalizada da Educação Física escolar, como ocorreu durante o chamado estágio supervisionado II, onde foi possível realizar um trabalho nas perspectivas da prática de ensino, que esta enquadrada nas propostas do currículo do

curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, tanto para as normas da universidade quanto as da escola.

Entendemos assim que a Educação Física no ensino fundamental noturno realiza esforços sobre humanos na tentativa de fazer com que os alunos participem das aulas desta disciplina, já que os mesmos encontram-se amparados por lei na sua escolha de não participarem. Porém, vislumbrando a possibilidade de discutir sobre o problema com um olhar mais atento, é possível que esta situação possa oferecer ao professor de Educação Física a oportunidade de repensar e desenvolver uma reflexão pedagógica sobre as suas aulas. Sejam essas no ensino diurno e principalmente no ensino noturno. Torna-se necessário que o professor de Educação Física conscientize-se quanto ao seu papel social e o sentido que a Educação Física deva ter para seus alunos.

Numa recente experiência de estágio supervisionado, nas aulas de Educação Física no ensino noturno de alunos de uma escola da região norte de Santa Maria, RS, foi trabalhado diversos conteúdos que englobavam jogos cooperativos, dinâmicas em grupo, brincadeiras, leitura de textos variados, divididos por três eixos temáticos: cultura, cidadania e lazer.

As aulas ocorreriam nas sextas-feiras, e as atividades foram realizadas num período de aproximadamente cinqüenta minutos, onde cada plano de aula era montado sobre um dos eixos temáticos, pois na maioria das disciplinas se trabalhava desta forma, descrevendo objetivos a serem alcançados, e a forma de avaliá-los de acordo com o que se tinha proposto para ensinar. Num primeiro momento se configurava uma tarefa difícil, montar um plano de aula excluindo algumas modalidades esportivas, mas a situação ambiental proporcionou essa mudança no foco pelo qual a educação física do ensino fundamental noturno se direcionava.

O resultado do trabalho foi à participação de um número expressivo de alunos da 5ª, 6ª, 7ª e 8ª series do ensino fundamental nas aulas de Educação Física, em sua maioria adultos com médias de idade de 31,83;

16,75; 22 e 22,83 anos respectivamente, que inicialmente mostraram-se desinteressados em participar destas aulas. Para isto, os alunos do ensino fundamental, juntamente com os alunos da graduação e a professora elaboravam objetivos e atividades para as aulas de Educação Física, e ao final de todas as aulas eram realizadas as avaliações. Com esta experiência foi possível perceber a aproximação da escola junto aos alunos. Havia um espaço para se ouvir os anseios, expectativas e desejos dos alunos; como também era possível discutir sobre as condições de trabalho, papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, além de outros pontos presentes no cotidiano dos alunos e da escola.

Certamente a educação física no ensino noturno tem inúmeros aspectos a serem melhorados. O que a comunidade escolar entendia talvez por diferenciado, é que as aulas ocorriam à noite, resumidas a sala de aula, e que os clássicos esportes estariam ausentes. Mas ao vivenciarem as atividades propostas mostraram-se interessados pelo rumo como as aulas estavam ocorrendo, mesmo as aulas de Educação Física sendo transferidas para o ultimo período, que no inicio do período letivo era fator diretamente proporcional a participação em aula.

O objetivo principal da Educação Física no ensino noturno da escola onde foi realizado o estágio supervisionado II foi proporcionar atividades cooperativas, recreacionais, com jogos variados. Formulando-se situações problema, em que os alunos deveriam resolvê-las utilizando o pensamento lógico, a criatividade, intuição e também com o incremento de debates e discussões de variados temas, através de textos onde todos os alunos puderam posicionar-se de forma crítica, sobre o que tinham lido. Algo inovador para uma educação física focada nos esportes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim se acredita que o princípio da educação física seja considerar o homem como ser impregnado de signos, símbolos, prazeres e necessidades. Desta forma concordo quando KUNS (2004) diz que a formação para a

emancipação, a autonomia e a cidadania é tão ou mais importante que a formação para agir competente no âmbito do trabalho.

O ensino fundamental noturno é um espaço, onde o professor pode transformar os conteúdos da educação física, adaptando-os a realidade do aluno, que em sua maioria são adultos que possuem necessidades distintas de alunos do ensino fundamental diurno. A possibilidade de poder organizar um programa de aula com a ausência dos esportes coletivos, foi um desafio, porque talvez ainda para os alunos, a escola, o meio acadêmico e a sociedade em geral, a educação física escolar deve ter como um dos seus objetivos uma formação esportiva.

No entanto a forma como as atividades propostas se encaixaram, tornaram o programa palpável, e com grande aceitação por parte da comunidade escolar, abrindo espaço para uma nova proposta de ensino.

De fato a escola quanto à universidade necessita aproximar-se dos seus alunos e a Educação Física em especial necessita recriar condições mais abrangentes e significativas para as suas aulas de uma forma geral, e principalmente para a clientela do ensino noturno.

A Educação Física deve buscar pela sua legitimidade junto à sociedade sem que necessariamente esteja respaldada pela legislação. Para isso, as informações à respeito dos esforços dos pensadores e intelectuais da área no sentido de promover discussões e teorizações sobre a construção de uma pratica pedagógica relevante, constituída no campo acadêmico e as diferentes formas de intervenção na área necessitam chegar com uma maior eficácia no espaço escolar.

A Universidade através dos projetos de pesquisa e extensão e a escola através do seu cotidiano pedagógico, necessitam juntar esforços para buscarem soluções e resolver problemas considerados antigos e inadequados.

Por isso acreditamos que o ensino fundamental noturno, é um espaço onde pode ocorrer profundas transformações no modo como vemos a educação física na escola. Porém para que isto aconteça é necessário haver uma formação voltada a essas necessidades, apoiando-se na demanda de professores para o turno da noite e garantindo espaços para que a disciplina seja mais respeitada no meio escolar.

Notas

1. Este decreto Lei diz respeito aos alunos que tenham alguma incapacidade física permanente ou aguda e com isso possuem o direito a tratamento especial e/ou exercícios domiciliares.

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

CARVALHO, C. P. de. *Ensino noturno*: realidade e ilusão. 7ª ed. São Paulo:Cortez. 120p

COSTA, L.; NASCIMENTO, J. *Pratica Pedagógica de Professores de Educação Física: conteúdos e abordagens pedagógicas*.REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEA, Vol.17,nº2, 2006.

ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. Profissão professor. Porto, Porto, 1995. p. 93-124.

GARCIA R.; GRAÇA A. *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p-111.

GONÇALVES, M. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1997.

KUNZ, E. A relação teoria /prática no ensino/pesquisa de Educação Física. Motrivivência: Educação Física,Teoria & Prática, v.1, n.8, p.46-54, 1995.

KUNZ, E. *Transformação Didático-Pedagógica do esporte.* Ijuí-RS: UNIJUÍ, 4ª edição, 2001.

KUNZ, E. *Didática da Educação Física.* Ijuí-RS: UNIJUÍ, 2ª edição, 2004.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Educação física - Brasília, 1997. MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.